Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário

PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/11/2026 e 12/11/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum[1]

[1] **Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).**

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US$/bushel)	FARELO SOJA (US$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US$/bushel)	MILHO (US$/bushel)
06/11/2026	11,89	319,20	62,26	5,91	4,41
09/11/2026	11,82	320,70	62,03	5,88	4,39
10/11/2026	12,24	326,50	62,77	5,92	4,49
11/11/2026	12,29	329,70	63.88	5,99	4,48
12/11/2026	12,27	325,40	63,42	5,84	4,42
Média	**12,10**	**324,30**	**62,62**	**5,91**	**4,44**

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos **bushel de milho= 25,40 quilos**
Libra peso = 0,45359 quilo **tonelada curta = 907,18 quilos**
Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R$/Saco)

SOJA		
RS – Nonoai	**140,00**	
RS – Não-Me-Toque	**137,00**	
PR – Pato Branco	**139,50**	
PR – M.C.Rondon	**137,00**	
MT – C.N.Parecis	**136,00**	
MS – Maracaju	**142,00**	
GO - Rio Verde	**135,00**	
BA – L.E.Magalhães	**147,00**	
MILHO(**)		
Porto de Santos	**68,00**	CIF
Porto de Paranaguá	**69,00**	CIF
Porto de Rio Grande	**SC**	
RS – Não-Me-Toque	**60,00**	
SC – Rio do Sul	**58,00**	
PR – M.C.Rondon	**54,00**	
PR – Pato Branco	**58,00**	
MT – C.N.Parecis	**43,00**	
MS – Maracaju	**48,00**	
SP – Itapetininga	**63,00**	
SP – Campinas	**67,00**	CIF
GO – Rio Verde	**54,00**	
GO – Jataí	**54,00**	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	**SC**	
RS – Não-Me-Toque	**72,00**	
PR – Pato Branco	**80,00**	
PR – M.C.Rondon	**80,00**	

Período: 11/11/2026
SC=Sem Cotação.
(*) Valor de compra
(**)Preços em reais/saco.
Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 12/11/2026

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R$	**62,59**	**138,78**	**71,94**

ND = Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 12/11/2026

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	**80,40**
Feijão (saco 60 Kg)	**219,89**
Sorgo (saco 60 Kg)	**50,00*** **
Suíno tipo carne (Kg vivo)	**4,93**
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	**2,56****
Boi gordo (Kg vivo)*	**12,51**

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias
(**) Referência Setembro/26, cf. Cepea/Esalq
(***) Cf. Notícias Agrícolas
ND= Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, vinham em forte baixa até o dia 09/11, com o primeiro mês cotado chegando a bater em US$ 11,81 neste início de novembro. No dia 10/11, com o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, o mercado virou para altista de forma desproporcional, chegando a US$ 12,29/bushel no dia 11. Depois, no fechamento desta quinta-feira (12), o bushel cedeu um pouco e o fechamento ficou em US$ 12,27, contra US$ 11,81 uma semana antes.

O aumento desproporcional, justificado pelo fato de que o mercado esperava números mais elevados, tanto para a produção quanto para os estoques finais estadunidenses, não se sustenta, pois o quadro realista indicava manutenção do que já havia sido anunciado em outubro, com pequenas mudanças, as quais são normais. Especialmente porque a qualidade das lavouras estadunidenses havia caído bastante nas semanas anteriores. Assim, a especulação aproveitou para a tomada de novas posições compradas, diante do forte recuo em Chicago ocorrido nos dias anteriores.

Efetivamente, o relatório do USDA, para o ano 2026/27, em um momento em que a colheita nos EUA está praticamente encerrada, apontou os seguintes números:

1) Uma colheita de 124,5 milhões de toneladas para os EUA, com leve aumento de 300.000 toneladas sobre outubro;

2) Os estoques finais estadunidenses foram levemente reduzidos em 400.000 toneladas, passando a 8,2 milhões de toneladas;

3) A produção mundial está, agora, estimada em 442,5 milhões de toneladas (menos 200.000 toneladas sobre outubro), enquanto os estoques finais mundiais ficariam em 123,5 milhões de toneladas, com recuo de 800.000 toneladas sobre outubro;

4) A produção da Argentina foi mantida em 50 milhões de toneladas e a do Brasil em 186 milhões.

A partir de agora, o mercado se volta para a demanda mundial, especialmente da China, assim como ao ritmo de plantio, e ao clima, na América do Sul, a maior região produtora de soja do mundo.

Em termos das importações chinesas de soja, importante destacar que as mesmas recuaram ao mais baixo nível para o mês de outubro desde 2023. Isso porque havia estoques elevados junto às indústrias de processamento chinesas, margens negativas e os preços baixos da carne suína naquele país, fatos que reduziram as compras da oleaginosa. De fato, a China importou 7,35 milhões de toneladas de soja em outubro, 22,5% abaixo do recorde de 9,48 milhões de toneladas importadas em outubro do ano anterior e 38% a menos que em setembro, segundo dados alfandegários chineses. O volume também ficou abaixo das expectativas do mercado, que apontavam para cerca de 9,5 milhões de toneladas por mês no quarto trimestre. De janeiro a outubro do corrente ano, as chegadas de soja ao maior comprador mundial totalizaram 93,5 milhões de toneladas, uma queda de 2,3% em relação ao mesmo período do ano passado. Enfim, tem-se que o rebanho suíno da China deve sofrer uma redução no

quarto trimestre de 2026 ou no primeiro trimestre de 2027, pois o governo chinês busca estabilizar o mercado com excesso de oferta, o que complica a demanda futura por ração. Para se ter uma ideia, o estoque de matrizes reprodutoras da China estava em 36,02 milhões de cabeças no final de setembro, uma queda de 10,7% em relação a três meses antes.

Por sua vez, em termos de exportações por parte dos EUA, na semana encerrada em 05/11 os embarques de soja estadunidense somaram 1,9 milhão de toneladas, representando um recuo de 24,5% em relação a semana anterior. Desde o início do ano comercial 2026/27, em 1º de setembro, os Estados Unidos já embarcaram 14,14 milhões de toneladas de soja para exportação, volume 58% superior ao registrado no mesmo intervalo da temporada anterior. A China segue como principal destino da soja norte-americana, respondendo por aproximadamente dois terços dos embarques realizados na última semana (cf. USDA).

E no Brasil, com a recuperação em Chicago e nova desvalorização do Real (a moeda nacional trabalhou entre R$ 5,50 e R$ 5,60 por dólar na maior parte da semana), os preços internos da soja melhoraram aos produtores. No Rio Grande do Sul, as principais praças registraram R$ 137,00 a R$ 140,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilaram entre R$ 135,00 e R$ 147,00/saco.

Mesmo assim, o ritmo das exportações nacionais de soja não está intenso, pois os produtores esperam preços ainda melhores, o que está longe de ser uma garantia. Todavia, vale destacar que as exportações brasileiras de soja somaram 1,2 milhão de toneladas na primeira semana de novembro do corrente ano, fato que representou um crescimento de 37,3% na média diária em relação a novembro de 2025.

Por outro lado, é inegável que, na atualidade, o câmbio assume importância decisiva para a formação do preço da soja no Brasil. Segundo analistas, os produtores brasileiros ainda teriam mais de 30 milhões de toneladas de soja estocadas da última colheita (cf. Brandalizze Consulting).

Entretanto, apostar na desvalorização do Real, para além do que já ocorreu, é muito arriscado, embora não seja impossível. O risco está no fato de que um Real mais fraco encarece as importações, inclusive os insumos agrícolas, elevando a inflação nacional, fator que deve levar o Banco Central brasileiro a intervir no mercado cambial, vendendo dólares de nossas reservas caso o movimento continue, além de manter os juros elevados. Destacando que a moeda brasileira se desvalorizou, nos últimos dias, muito mais do que as outras moedas do mundo, fato que logo mais deverá levar o mercado a uma correção. Tudo isso dependendo do que o governo brasileiro irá fazer em relação ao alto déficit fiscal. Por enquanto, o pacote de cortes ao redor de R$ 60 bilhões, anunciado no dia 11/11, parece não ter convencido o mercado.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que os atuais preços são bons, e merecem ser levados em consideração pensando na realização de vendas futuras para a composição de preços médios na comercialização da futura safra.

Dito isso, o plantio da atual safra brasileira avançou para 67% da área esperada até o dia 06/11, superando a média das últimas cinco safras, que é de 62,7% (cf. Conab). O

Mato Grosso chegava a 95,6%, Goiás a 74%, Minas Gerais 61%, Paraná 71%, São Paulo 90% e Rio Grande do Sul 23% até aquela data.

Enfim, a comercialização antecipada da nova safra de soja chegou a 48,3% da produção esperada no Mato Grosso, contra a média histórica de 37,4% (cf. Imea).

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, em Chicago, pouco oscilou nesta segunda semana de novembro, embora o viés das mesmas tenha sido altista, na medida em que atingiu a US$ 4,49 no dia 10/11. Mas esse movimento não se sustentou e o bushel do cereal fechou a quinta-feira (12) em US$ 4,42, contra US$ 4,40 uma semana antes.

Esse viés altista veio do relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/11, o qual trouxe os seguintes números para a safra 2026/27:

1) Redução da produção estadunidense para 403,7 milhões de toneladas e também dos estoques finais dos EUA, para 44,7 milhões. No primeiro caso, quase quatro milhões de toneladas a menos e no segundo caso um pouco mais de dois milhões;
2) Produção mundial de milho em recuo de 2,2 milhões de toneladas, com a mesma ficando em 1,291 bilhão de toneladas;
3) Aumento dos estoques finais mundiais em 1,5 milhão de toneladas, para 281,9 milhões de toneladas;
4) Produção brasileira em 141 milhões de toneladas e da Argentina em 57 milhões.

Já as exportações estadunidenses de milho somaram 905.000 toneladas na semana encerrada em 05/11, ficando dentro das expectativas do mercado. No acumulado do atual ano comercial, o volume exportado chega a 11,6 milhões de toneladas, ou seja, 16% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, no Brasil, os preços do milho estacionaram com viés de baixa. As principais praças gaúchas negociaram o cereal a R$ 60,00/saco, enquanto a média do Estado ficou em R$ 62,59/saco. Nas demais regiões do país, os valores oscilaram entre R$ 43,00 e R$ 63,00/saco.

Como o plantio da soja avança bem no Centro-Oeste, não se cogita, por enquanto, atraso no plantio da futura safrinha de milho. Ao mesmo tempo, a oferta do cereal, por parte dos produtores, continua elevada. Soma-se a isso a redefinição da futura safra, com a mesma sendo aumentada para 151,7 milhões de toneladas (cf. Safras & Mercado).

Dito isso, o plantio da safra de verão atingiu a 51,2% da área esperada até o dia 06/11, contra a média de 49,5% (cf. Conab).

Já as exportações brasileiras de milho atingiram, nos primeiros quatro dias úteis de novembro, um total de 1,27 milhão de toneladas, sendo a média diária 20,1% superior à média de novembro de 2025 (cf. Secex). No mês de outubro, o Brasil exportou 5,69 milhões de toneladas, o melhor resultado mensal de 2026, embora o acumulado do ano ainda tenha permanecido abaixo do registrado no ano anterior. O fato é que a

exportação desse início de novembro oferece uma melhor perspectiva para o equilíbrio do mercado brasileiro de milho. Vamos ver se esse comportamento se manterá até o fechamento do mês.

Enfim, para se chegar a mais de 151 milhões de toneladas de produção total de milho, espera-se uma safrinha produzindo 104,5 milhões, contra 97,3 milhões no ano anterior e o Norte e Nordeste chegando a 21,6 milhões. Os demais 25,6 milhões de toneladas viriam da safra de verão (cf. Safras & Mercado), lembrando que a Conab espera esta última muito superior, podendo atingir a 32,1 milhões de toneladas, ou seja, 6,5 milhões acima do que o analista privado indica.

MERCADO DO TRIGO

O primeiro mês cotado para o trigo, em Chicago, após ensaiar uma elevação no dia 11/11, quando bateu em US$ 5,99/bushel, recuou no dia seguinte e fechou a quinta-feira (12) em US$ 5,84, contra US$ 5,99 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/11, indicou que a produção dos EUA deverá ficar mesmo em 41,7 milhões de toneladas, enquanto seus estoques finais, em 2026/27, se estabelecem em 20,2 milhões. Já produção mundial do cereal será de 827,5 milhões de toneladas, ganhando pouco mais de cinco milhões sobre o anunciado em outubro. Os estoques finais mundiais ficariam em 280,8 milhões de toneladas, ganhando 4,8 milhões sobre outubro. A produção da Argentina chegaria a 23 milhões de toneladas, com exportações de 16,5 milhões. A produção brasileira foi mantida em 5,8 milhões de toneladas, ficando bem acima do que o mercado nacional espera.

Por outro lado, as inspeções de exportação estadunidenses atingiram a 249.000 toneladas na semana encerrada em 05/11. O acumulado no atual ano comercial atinge a 7,8 milhões de toneladas, resultado ainda 36% inferior ao registrado no mesmo período do ano anterior.

Aqui no Brasil, os preços do trigo se mantiveram em R$ 72,00/saco junto às principais praças gaúchas e em R$ 80,00 junto às praças paranaenses.

Como é sabido, a baixa produção nacional deste ano, acompanhada de forte redução na qualidade do produto, aumenta as importações nacionais do cereal. Mas a desvalorização do Real torna o produto importado mais caro. O valor médio do trigo importado em outubro foi o maior desde agosto de 2024 (cf. Cepea).

Dito isso, faltando menos de 60 dias para terminarmos o ano de 2026, a indústria moageira vive um cenário que aponta para uma entrada em 2027 com forte dependência do trigo importado (a maior das últimas duas décadas). A produção nacional deverá ficar entre 4,9 e 5,1 milhões de toneladas segundo últimas estimativas privadas. Sem falar na baixa qualidade do produto. A produtividade média do Paraná já recuou para 44 sacos/hectare. Se o Brasil vier a importar efetivamente 10 milhões de toneladas, o mesmo será o maior da história. Mesmo assim, o estoque final de trigo em 2026/27, no Brasil, está calculado em apenas 573.000 toneladas em agosto 2027, ou seja, apenas 4,4% do consumo. Esta seria a relação mais apertada desde 2015/16. Por sua vez, o Brasil precisaria de 13 milhões de toneladas de trigo panificável, esperando

encontrar grande parte deste volume na Argentina, país que deverá colher entre 23 e 24 milhões de toneladas nesta safra. Assim, analista privado considera que 2027 será de preços internos firmes, sendo que o câmbio será um elemento importante na definição dos mesmos, assim como os problemas logísticos no Mar Negro devido a continuidade da guerra entre Rússia e Ucrânia (cf. Safras & Mercado).

ntraENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br